

**A ARQUEOLOGIA ITINERANTE NO ALTO RIO  
NEGRO: DIFUSÃO, DEBATE E CONHECIMENTO  
ARQUEOLÓGICO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM**

---

**Luciano Everton Costa Teles** - Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas. Graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas/CEST. E-mail: lcteles@uea.edu.br

**Solange Pereira do Nascimento** - Doutora e Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: snascimento@uea.edu.br

**Francinara Pinheiro dos Santos** - Graduanda em Bacharelado em Arqueologia. E-mail: fpds.arq18@uea.edu.br

**Elaine Evangelista Resende** - Graduanda em Bacharelado em Arqueologia. E-mail: eer.arq18@uea.edu.br

---

### RESUMO

A ideia da Arqueologia Itinerante surgiu com o objetivo de divulgar as pesquisas e reflexões arqueológicas realizadas no interior do curso de Arqueologia ofertado no Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da Cachoeira, na modalidade modular. Intentando estreitar as relações entre a Universidade do Estado do Amazonas e a sociedade existente em São Gabriel da Cachoeira, o presente projeto de extensão propôs visitas e exposições, em instituições públicas e particulares (escolas estaduais e municipais, igrejas, Prefeitura, entre outros), dos estudos arqueológicos desenvolvidos no CESSG/UEA. Nesse sentido, o texto estrutura-se em três partes. A primeira apresenta como o projeto de extensão surgiu e traça um pequeno debate sobre a sua importância. A segunda expõe os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da sua realização e a terceira trata dos resultados alcançados.

**Palavras-chave:** Arqueologia Itinerante. Alto Rio Negro. Extensão

---

## ABSTRACT

The idea of Itinerant Archeology arose with the aim of disseminating the archaeological research and reflections carried out within the Archeology course offered at the Center for Higher Studies of São Gabriel da Cachoeira, in modular mode. Intending to strengthen relations between the State University of Amazonas and the existing society in São Gabriel da Cachoeira, this extension project proposed visits and exhibitions, in public and private institutions (state and municipal schools, churches, City Hall, among others), archaeological studies developed at CESSG/UEA. In this sense, the text is structured in three parts. The first presents how the extension project came about and outlines a small debate about its importance. The second exposes the methodological procedures used throughout its realization and the third deals with the results achieved.

**Keywords:** Archeology Itinerant. Alto Rio Negro. Extension.

---

## INTRODUÇÃO

O presente projeto de extensão estabeleceu como finalidade divulgar as atividades de pesquisa e ensino desenvolvidas no curso de Arqueologia em São Gabriel da Cachoeira. Para isso, preconizou visitas e exposições em espaços escolares, públicos e/ou privados, e em outras instituições parceiras (Prefeitura, igrejas, etc.) que acenaram com as aberturas de suas portas para receber o que chamamos de “Arqueologia Itinerante”.

Essa divulgação se coloca como importante em função das imagens que se tem da Amazônia, “pulmão do mundo” e/ou “natureza intocada”, visões do início do século XX, pois sabemos que o conceito de natureza intocada, trazido por Diegues (2004), refere-se às relações entre seres humanos e meio ambiente, marcados pela crescente degradação ambiental, especialmente hoje. Qualquer outra visão de Amazônia que não seja a partir da ciência ou de saberes tradicionais dos povos florestinos (GASCHER, 2011) torna-se genérica e desprovida de conhecimento sobre a região e sua história.

Através dos vestígios arqueológicos e do seu estudo – em diálogo com outras áreas de conhecimento como, por exemplo, Biologia, Antropologia, História, dentre outras – é possível reconstruir a história dos

povos indígenas que habitaram a região, com destaque para a sua cultura e organização socioeconômica.

Nesse sentido, informar à sociedade aquilo que o curso de Arqueologia tem feito é fundamental, não somente para desconstruir essas ideias genéricas e estereotipadas acerca da região amazônica, com foco no Alto Rio Negro, como também recuperar dimensões de uma história indígena que não pode ser colocada à margem do esquecimento, mas sim marcar sua presença na memória e na história dos povos que atualmente habitam o Noroeste da Amazônia, pois como afirmava Feliciano Lana<sup>1</sup> “em São Gabriel até as pedras falam”.

Nessa esteira, as ações caminharam na perspectiva de expor as atividades de ensino e pesquisa do curso de Arqueologia do CESSG/UEA para a sociedade de São Gabriel da Cachoeira, a partir dos temas e das pesquisas escolhidas para a montagem das exposições nos locais parceiros já mencionados.

O texto foi estruturado em três partes. A primeira apresenta como o projeto de extensão surgiu e traça um pequeno debate sobre a sua importância. A segunda expõe os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da sua realização e a terceira trata dos resultados alcançados.

1 Feliciano Lana, indígena da etnia Dessana, considerado memória viva no Alto Rio Negro pela profundidade do conhecimento sobre a história do lugar e dos povos que lá habitam. Artista Plástico com obras expostas no Brasil e na Europa nos deixou em maio de 2020, vítima fatal da Pandemia COVID-19 que assolou o planeta.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

### A importância da arqueologia no Alto Rio Negro

Sabemos que a Arqueologia é uma disciplina importante para a sociedade do Alto Rio Negro. Isso porque a maioria daqueles que habitam este espaço são descendentes dos povos indígenas ancestrais que segundo as metanarrativas são descendentes dos “Pa`Miri-masa – Gente da Transformação” de acordo com Maia e Maia (2004, p. 7).

Recuperar aspectos desse passado se põe como um desafio, uma vez que a identificação dos povos indígenas atuais com ele contribui para reconstruir memórias e reforçar identidades, elementos fundamentais para a vida e a luta por eles travadas na atualidade.

O interesse pela temática “Arqueologia Itinerante” surgiu por força da necessidade em difundir aquilo que está sendo trabalhado no curso de Arqueologia, principalmente em destacar aspectos culturais, através da materialidade (ou seja, dos vestígios arqueológicos), que permitem conhecer a sociodiversidade (e não apenas a biodiversidade) que existiu e existe na floresta amazônica, potencializando uma melhor compreensão da sua realidade histórica ao longo do tempo.

A relevância do projeto em tela caminha em duas direções. A primeira em integrar o curso de Arque-

ologia à sociedade de São Gabriel e, através disso, propagar as atividades de pesquisa e ensino realizadas no mencionado curso e a segunda, vinculada aos efeitos dessa interação, contribuir para uma nova visão e interpretação sobre a região, dentro de uma perspectiva etnoarqueológica. Além disso, o projeto pode minimizar as consequências devastadoras, em termos acadêmicos e culturais, da depredação dos materiais arqueológicos que se encontram também a céu aberto, especialmente os vestígios cerâmicos, e, conseqüentemente, o contrabando de peças arqueológicas.

Como sabemos, a Arqueologia é uma disciplina cujo foco é o estudo das sociedades do passado mediante a observação dos vestígios arqueológicos, que podem fazer parte da cultura material (ferramentas, móveis, adornos, vestimentas, armas, artesanatos, construções, terra preta de índio - agricultura), dos restos orgânicos e dos próprios indivíduos (ossadas, urnas funerárias, dentre outros). É por meio do diálogo com outras disciplinas e da exploração e escavação que a Arqueologia estuda o desenvolvimento das sociedades e culturas enxergando mudanças através do tempo (PEZO-LANFRANCO et al., 2014, p. 16-17).

A Amazônia se constituiu em espaço importante das pesquisas arqueológicas. Consoante Neves, isso se deu em função de ter existido na região:

uma tradição de meio século

de pesquisas orientadas a partir de questões antropológicas gerais que demandam tratamentos arqueológicos e etnográficos. Não foi esse o caso em outras partes do Brasil, onde a arqueologia permaneceu, em linhas gerais, um empreendimento descritivo sem maiores preocupações históricas ou antropológicas (2000, p. 87).

Tal tradição assenta-se em três problemáticas, tanto teóricas quanto práticas, que podem ser agrupadas em três categorias: a investigação da inter-relação entre variáveis ambientais e processos sociais e culturais; a do estabelecimento de fronteiras étnicas, sobretudo linguísticas, no passado através de vestígios arqueológicos, principalmente a cerâmica; e, por fim, a da avaliação do impacto da conquista europeia sobre os padrões pré-coloniais de organização social e política na Amazônia (NEVES, 2000, p. 87-88).

Por força dessas problemáticas, a Amazônia no contexto da arqueologia brasileira se coloca como diferenciada e alvo de projetos, pesquisas e modelos de interpretação cultural variados, como, por exemplo, a discussão em torno da existência ou não de sociedades complexas na floresta tropical (MEGGERS, 1976; ROOSEVELT, 1980).

Em que pese tais discussões, devemos observar que a Amazônia ainda é, em grande medida, desconhecida em termos de sua ocupação milenar e dos povos que habitavam a região. Esse desconhecimento se

expressa em ideias acerca da floresta tropical ou como “natureza” tão somente, o que aprofunda a falácia do “vazio demográfico”.

Para desconstruir essas imagens, a pesquisa arqueológica é fundamental. Neves ressalta que:

existe uma extrema necessidade de se resgatar o caráter cultural da Amazônia a partir de três ações importantes, tais como: reconhecer a ocupação densa da bacia amazônica por diferentes povos indígenas no final do século XV; perceber continuidades entre esses povos do passado no presente (apesar dos processos de mudança cultural); e reconhecer que a ocupação pré-colonial guia processos de ocupação no presente (2006, p. 9-11).

As pesquisas arqueológicas na Amazônia, e no Alto Rio Negro em particular, vêm demonstrando, sobretudo pelos mapeamentos dos sítios arqueológicos e dos vestígios materiais e orgânicos encontrados, que a ocupação data de 11.000 anos atrás (NEVES, 2006), e que foi densa, algo em torno de 3 milhões de almas indígenas (DENEVAN, 1976), e dinâmica (PORRO, 1996).

Com efeito, faz-se mister conhecer a história dos povos indígenas do Alto Rio Negro mediante a materialidade existente, numa região de grande potencial arqueológico. O curso de Arqueologia é fundamental e suas ações no campo do ensino, pesquisa e extensão são essenciais. Difundir as atividades do curso e contribuir para tor-

nar essa história indígena pública foram as finalidades deste projeto de extensão. Como sublinha Robin Wright “existem outras maneiras de analisar as transformações históricas no Alto Rio Negro” (2005, p. 20) e a Arqueologia é uma delas.

## METODOLOGIAS

A metodologia sempre será um caminho em aberto que se dá através das ações, técnicas e procedimentos ordenados que devem ser realizados para que algum objetivo seja atingido (CARDOSO, 1982). Nesse sentido, as ações desenvolvidas para o cumprimento do que foi proposto nos objetivos do projeto foram: 1) selecionar os estudos e as pesquisas desenvolvidas no curso de Arqueologia em São Gabriel da Cachoeira; 2) Montar banners e textos para as exposições; 3) Identificar e escolher as escolas e demais instituições para a realização das exposições montadas e 4) Apresentar as exposições nas instituições selecionadas. Assim, acreditamos ter alcançado sua finalidade. Como equipe envolvida mais diretamente no projeto, contamos com dois coordenadores (doutores) e duas alunas do curso de Arqueologia, sendo uma bolsista e uma voluntária. O público-alvo foi composto de estudantes, professores, agricultores e sociedade em geral.

Com efeito, foram enviados ofí-

cios (apresentando o projeto e oferecendo a exposição) para algumas escolas, dentre elas a Escola Estadual Irmã Inês Penha e a Escola de Tempo Integral Pedro Yamaguchi, as quais responderam positivamente, ocorrendo nelas as primeiras exposições. Foi solicitada também uma autorização da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira para uma exposição da “Arqueologia Itinerante” no passeio da orla principal da cidade, o que a pandemia do novo coronavírus impossibilitou de acontecer, assim como também não foi possível apresentar no espaço da Prefeitura e de igrejas<sup>2</sup>.

A seleção dos estudos e das pesquisas aconteceu a partir de dois parâmetros: textos que falassem de maneira didática sobre a disciplina arqueológica (o que ela estuda e como o seu conhecimento é produzido)<sup>3</sup> e vestígios materiais coletados/encontrados em trabalho de campo e/ou doados por povos indígenas ao curso de Arqueologia. Com base nesses materiais, dois banners foram produzidos de modo a permitir uma mobilidade pela cidade, não descartando a possibilidade, dentro do possível, de levar alguns artefatos arqueológicos para a exposição.

A exposição buscou seguir o seguinte roteiro: uma apresentação geral sobre a Arqueologia e seu estudo, feita pelos bolsistas envolvidos no projeto. Em seguida, uma

<sup>2</sup> Importante sublinhar que o referido projeto de extensão estava em curso quando surgiu a pandemia do novo coronavírus. Em virtude disso, não foi mais possível continuar com as exposições itinerantes.

<sup>3</sup> FUNARI, 2010; NEVES, 2006; PROUS, 1991

breve apresentação (algo em torno de 30 minutos) sobre o trabalho do arqueólogo – técnicas de escavações e coleta, caracterização e armazenamento dos artefatos arqueológicos encontrados – e exposição de alguns vestígios arqueológicos e, por fim, abertura de perguntas e debate (também um tempo de 30 minutos). A atividade da exposição conta com uma hora de duração.

## RESULTADOS

### A difusão do conhecimento arqueológico no Alto Rio Negro

Como foi dito no início do texto, a “Arqueologia Itinerante” caminhou na perspectiva de tecer uma relação, numa via de mão dupla, entre o curso de Arqueologia e a população de São Gabriel da Cachoeira, aproximando a UEA/CESSG da sociedade presente no Alto Rio Negro. De certo modo, uma característica local favoreceu esse contato e essa aproximação, qual seja: a quantidade de vestígios arqueológicos na região e a familiaridade, ainda que incipiente e empírica, que se tem com essa cultura material de povos passados, o que não é uma especificidade do Alto Rio Negro, mas está presente na Amazônia como um todo.

Com efeito, com o surgimento do curso de Bacharelado em Arqueologia, na modalidade modular, no segundo semestre de 2008 e as atividades de ensino, pesquisa e extensão ganhando corpo, intentou-se difun-

dir as reflexões produzidas no âmbito do curso, especialmente na análise da cultura material legado dos povos que viveram na região e na elaboração de interpretações culturais e sociais que possam concorrer para o avanço da história e da memória dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

Para isso, buscou-se envolver os discentes do curso de Arqueologia na produção e realização de exposições. Abaixo apresentaremos através de imagens duas atividades realizadas no âmbito deste projeto de extensão. A primeira ocorreu na Escola Estadual Irmã Inês Penha, para os alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental. Na ocasião, fizemos uma exposição sobre a disciplina de Arqueologia e seus métodos de investigação, bem como falamos da importância dos vestígios arqueológicos para compor a história. Observemos as imagens:

Figura 1 - Alunos da Escola Estadual Ir. Inês Penha assistindo e participando da exposição



Fonte - Acervo próprio (2020).

Após a apresentação, abrimos espaços para que os alunos pudessem elaborar perguntas e, assim, promover um debate com o intuito de despertar interesse pela Arque-

ologia. Muitas indagações surgiram por parte dos alunos do ensino fundamental, o que mostra que o trabalho respondeu às expectativas. Uma das coisas que mais chamou atenção foi durante a exposição de materiais, pois o que antes parecia apenas um “caquinho” de cerâmica, por exemplo, passou a ser tratado como uma peça que guarda em seu interior uma história que precisa ser contada.

Figura 2 - Vestígios Arqueológicos encontrados e coletados em aulas de campo e outros doados por povos indígenas do Alto Rio Negro



Fonte - Acervo próprio (2020).

A segunda exposição foi realizada na Escola de Tempo Integral Pedro Yamaguchy, para os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Seguindo a mesma dinâmica, apresentamos, em linhas gerais, a disciplina arqueológica e os materiais empíricos em que ela se debruça, abrindo espaço para perguntas e debates. Assim, como observamos na escola Irmã Inês Penha, os alunos ficaram impressionados com o trabalho dos arqueólogos e de como eles conseguem partir dos artefatos encontrados para explicar as formas de vida social dos povos

indígenas do passado.

Figura 3 - Alunos da Escola Tempo Integral Pedro Yamaguchy na exposição da “Arqueologia Itinerante”



Fonte - Acervo próprio (2020).

Com efeito, pelo que foi visto, o projeto de extensão “Arqueologia Itinerante” tem procurado dar visibilidade ao curso de Arqueologia do CESSG/UEA e difundir o conhecimento arqueológico no Alto Rio Negro, bem como despertar o interesse pela ciência e quiçá um dia tenhamos assim uma Escola de Arqueólogos Indígenas como desejamos enquanto Instituição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade do Estado do Amazonas atua com base no tripé ensino, pesquisa e extensão e o presente projeto se situa nesse contexto. Consideramos que a extensão tem sido cada vez mais a porta de entrada de um diálogo profícuo entre a UEA e a sociedade indígena de São Gabriel especialmente, o que nos possibilita pensar a história de vida dessas populações (22 etnias) e a ocupação do espaço como construção de uma história não intocada ou escondida, mas uma histó-



ria viva que pulsa em cada rocha (muitas consideradas como casas de transformação), plantas, águas e montanhas. São Gabriel é um laboratório a céu aberto e um laboratório arqueológico imensurável que não se constitui em “história de índio” tão somente, como erradamente pensam alguns, mas história de pessoas que deixaram as suas marcas através do tempo.

Nesse sentido, essas marcas materializadas nos vestígios arqueológicos e, conseqüentemente, no trabalho de interpretação realizado pelos arqueólogos, resultando em modelos de explicação social e cultural dos povos indígenas que habitaram a região no passado – trabalhados no curso de Arqueologia do CESSG – precisam ser conhecidas pela população local, e as exposições têm assumido esse importante e necessário papel de divulgação do saber arqueológico.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma Introdução à História. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CUNHA, Manuela C. da (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras / Fapesp, 1992.

DENEVAN, W. M. The aboriginal population of Amazonia. In: DENEVAN, W. M. (Org.). The Native Population of the Americas in 1492. Madison: University of Wisconsin Press, 1976, p. 205-234.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2010.

GASCHER, Jorge Suess. Sociedad Bosquesina. Iquito: Tarea Asociación Gráfica Educativa, 2011.

MAIA, Moisés; MAIA, Tiago. O conhecimento dos nossos antepassados. São Gabriel da Cachoeira/AM: COIDI/FOIRN, 2004.

MEGGERS, B. Amazônia: A Ilusão de um Paraíso. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. Revista Usp, São Paulo, n.44, p. 86-111, dez./fev. 1999/2000.

PEREIRA, E. S. Arte Rupestre na Amazônia - Notas Sobre Um Manuscrito. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife, v. 1, n. 8, p. 183-194, 1992.

PEZO-LANFRANCO, L., PETRONILHO, C. E EGGERS, S. Descobrendo a Arqueologia: o que os mortos podem nos contar sobre a vida? São Paulo, Editora Cortez, 2014.

PORRO, Antônio. O povo das águas.

Ensaio de etno-história amazônica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1996.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Editora UNB, 1991.

ROOSEVELT, A. Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Oricono. New York: Academic Press, 1980.

SANTOS, Francisco Jorge dos. Além da Conquista: guerras e rebeliões na Amazônia pombalina. 2 ed. Manaus: Edua, 2002.

WRIGHT, Robin. História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro. Campinas: Mercado de Letras, 2005.